



AH

ARQUEOLOGIA & HISTÓRIA

Revista da Associação
dos Arqueólogos Portugueses

Volumes 74-75

SUSANA CORREIA (1955-2021) *IN MEMORIUM*

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO - ARMAZENAMENTO MEDIEVAL
E MODERNO EM PORTUGAL

Título

Arqueologia & História

13ª Série

Volume

74-75

Ano de Edição

2025

Ano Associativo AAP

2022-2023

Edição

Associação dos Arqueólogos Portugueses

Largo do Carmo, 1200-092 Lisboa

Tel. 213 460 473 / Fax. 213 244 252

secretaria@arqueologos.pt

www.arqueologos.pt

Direcção

José Morais Arnaud

Coordenação

José Morais Arnaud e César Neves

Design gráfico

Paulo Freitas

Fotografia da capa

Escavações em BRA77A, que se prolongaram em 1978, sob a direcção de Susana Correia e João Castro

Impressão

Europress, Indústria Gráfica

Tiragem

250 exemplares

Depósito legal

73 446/93

ISSN

0871-2735

© Associação dos Arqueólogos Portugueses

Os artigos publicados nesta revista são da exclusiva responsabilidade dos respectivos autores.

ÍNDICE

- 5 Editorial
José Morais Arnaud

SUSANA CORREIA (1955-2021) IN MEMORIUM

- 9 Apresentação
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 11 Susana Correia / primórdios do Campo Arqueológico de Braga (1977/1978)
Francisco Sande Lemos
- 21 Uma mulher do Norte, em trânsito para o Alentejo
António Carlos Silva
- 27 Década de 80: alegria do trabalho num sopro de nostalgia
Teresa Marques
- 31 À Susana, uma serena viagem para Ítaca
Maria Filomena Barata
- 35 Legado de Susana Correia aos jovens arqueólogos
Jacinta Bugalhão
- 49 “*Informação Arqueológica*”. Um boletim de e para a divulgação da Arqueologia Portuguesa
Carlos Boavida
- 61 Susana Helena Bastos Correia da Fonseca (1955-2021), antiga aluna, amiga de sempre, cidadã empenhada: a nostalgia do Sul
Vitor Oliveira Jorge
- 65 Degebe em Alqueva: 1998-2001
Ana Sofia Antunes, Consuelo Gómez Granel, Lidia Virseda Sanz
- 83 A Rua do Sembrano. Um caso paradigmático de Arqueologia Urbana na cidade de Beja
Carolina Grilo
- 95 Susana Correia e o projeto do Museu de Moura
Santiago Macias
- 99 Memórias
Susana Lopes
- 103 Lembrando a Susana
Eduardo Pires de Oliveira
- 107 Susana. Memórias, Encontros e Partilhas
Ana Isabel Palma Santos
- 109 Susana Correia e o Museu Municipal de Arqueologia de Serpa
Ana Sofia Antunes
- 117 Para uma bibliografia da Susana Correia
Manuela de Deus

SILOS, MATAMORRAS E COVAS DE PÃO – ARMAZENAMENTO MEDIEVAL E MODERNO EM PORTUGAL

- 125 Colóquio – “Silos, matamorrás e covas de pão – Armazenamento Medieval e Moderno em Portugal”
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida, João Marques, Teresa Marques
- 127 Os silos Medievais da *Villa* Romana da Sub-Serra da Castanheira do Ribatejo
Luísa Batalha, Guilherme Cardoso, Mário Monteiro
- 137 As “covas de pão” de Carnide: um grande celeiro às portas da Lisboa medieval
Ana Caessa, Nuno Mota

- 157 Silos Medievais de São Vicente de Fora – Lisboa
Nuno F. Poínhas Pires
- 167 Problemáticas em torno da gestão de um espaço ao longo de dois séculos: os silos medievais do Largo da Atafona – Lisboa
Vasco Noronha Vieira, Tiago Pereira, Vanessa Filipe, José Pedro Henriques, Dário Neves, Marina Carvalhinhos
- 177 Silos Medievais no Núcleo Histórico de Almada: tipologias e seu contexto
Sérgio Manuel Peleja Rosa
- 195 *Quem Guarda, acha!* Os silos medievais do Centro Histórico de Moura
Vanessa Gaspar

ARTIGOS

- 215 Lâmina de machado, pré-histórica, no culto ibérico a Júpiter?
Mário Varela Gomes
- 221 As antiguidades romanas em Júlio de Castilho: os casos particulares do teatro e das termas dos Cássios
Lídia Fernandes, Carlos Cabral Loureiro
- 239 Arqueolog(IA). O uso da Inteligência Artificial na prática e na teoria arqueológica
Daniel Carvalho
- 247 Francisco Santana. O olisipófilo e o periódico *Olisipo*
Eunice Relvas
- 253 Contar 30 Anos. A actividade da Comissão de Estudos Olisiponenses (1994-2024)
Carlos Boavida

RELATÓRIOS

- 263 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2022
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 271 Associação dos Arqueólogos Portugueses. Relatório de Actividades da Direcção – 2023
José Morais Arnaud, Luís Raposo, Andrea Martins, José Barreto Domingos, Mariana Diniz
- 279 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 283 Secção de Pré-História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
Mariana Diniz, César Neves, Andrea Martins
- 287 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2022
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 291 Secção de História da AAP – Relatório de Actividades do Ano 2023
João Marques, Teresa Marques, Carlos Boavida
- 293 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2022
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 297 Comissão de Estudos Olisiponenses – AAP. Relatório de Actividades do Ano 2023
Tânia Manuel Casimiro, Guilherme Cardoso, Carlos Boavida
- 301 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2022
Lina Oliveira
- 303 Comissão de Heráldica – AAP. Relatório de Actividades do ano 2023
Lina Oliveira
- 305 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2022
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves
- 313 Vila Nova de São Pedro – de novo no 3º milénio (VNSP3000). Relatório de Actividades do Ano 2023
Andrea Martins, Mariana Diniz, José Morais Arnaud, César Neves

A RUA DO SEMBRANO. UM CASO PARADIGMÁTICO DE ARQUEOLOGIA URBANA NA CIDADE DE BEJA

Carolina Grilo

UNIARQ – Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa / ramosgrilo.carolina@gmail.com

O presente texto apresentado ao colóquio de homenagem “Susana Correia – *in memoriam*” decorrido em outubro de 2022 na AAP/MAC, pretende prestar homenagem a Susana Helena Correia e dar testemunho da sua ação fundamental para a arqueologia da cidade de Beja, em concreto do sítio arqueológico da Rua do Sembrano.

Enquanto arqueóloga, profunda conhecedora da região, da cidade e do seu património, e cidadã, consciente da sua participação ativa e interventiva no espaço público, Susana Helena Correia sempre lutou de forma abnegada e solta pela concretização deste projeto que, a acompanhou por grande parte da sua vida profissional dedicada à causa pública.

A importância da sua ação reflete-se não apenas ao longo das mais de duas décadas que nortearam a concretização do projeto de intervenção, valorização e musealização dos vestígios arqueológicos do local, mas também no papel que o hoje Núcleo Museológico da Rua do Sembrano detém na cidade, enquanto espaço de divulgação cultural, patrimonial e de dinamização sociocultural da região. (Figura 1)

A história deste sítio arqueológico inicia-se em 1983, aquando da identificação de vestígios arqueológicos na Rua do Sembrano, em pleno centro histó-

rico da cidade de Beja, em virtude de um projeto de construção de uma habitação e da abertura das respetivas fundações. Nessa data, foram identificados no local vestígios de arcos e de *suspensurae* bem como diversos materiais de cronologia romana. Coube à então Associação de Defesa do Património de Beja (ADPB) a responsabilidade de uma primeira ação de limpeza e registo que veio a confirmar a existência de vestígios de um espaço termal com presença de vestígios de arcos de hipocausto e um pequeno tanque revestido a *opus signinum*, assim como diversas outras estruturas de cronologia mais recente. A ADPB procedeu à comunicação ao Serviço Regional de Arqueologia da Zona Sul (SRAZS) do antigo Instituto Português do Património Cultural (IPPC) e à Câmara Municipal de Beja (CMB), que, sensibilizada para a importância da descoberta e perante a possibilidade da existência de vestígios relativamente intactos, permutou o terreno com o proprietário garantindo a manutenção do espaço em reserva. Este processo contemplou igualmente a aquisição dos outros lotes daquele quarteirão urbano por parte da Câmara Municipal de Beja, alguns dos quais com construções muito degradadas e a sua posterior demolição para uma eventual continuação dos trabalhos. (Figura 2)

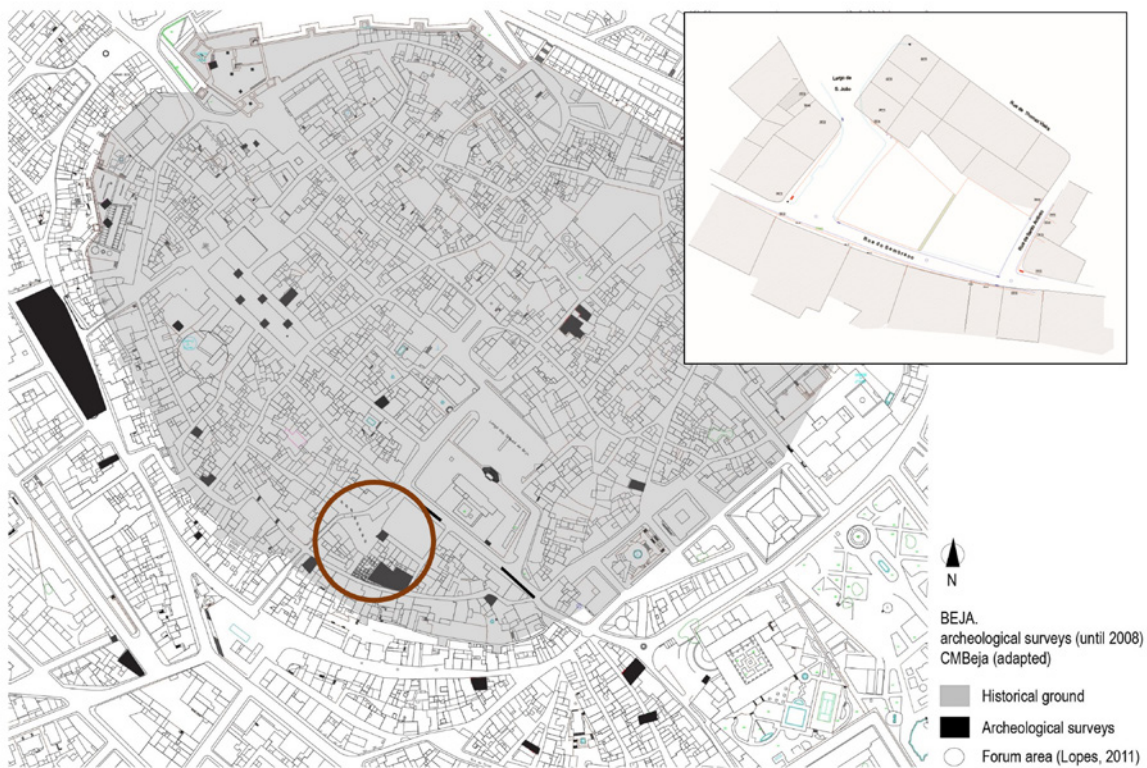


Figura 1 – Localização da Rua do Sembrano no centro histórico de Beja (Grilo, 2022).

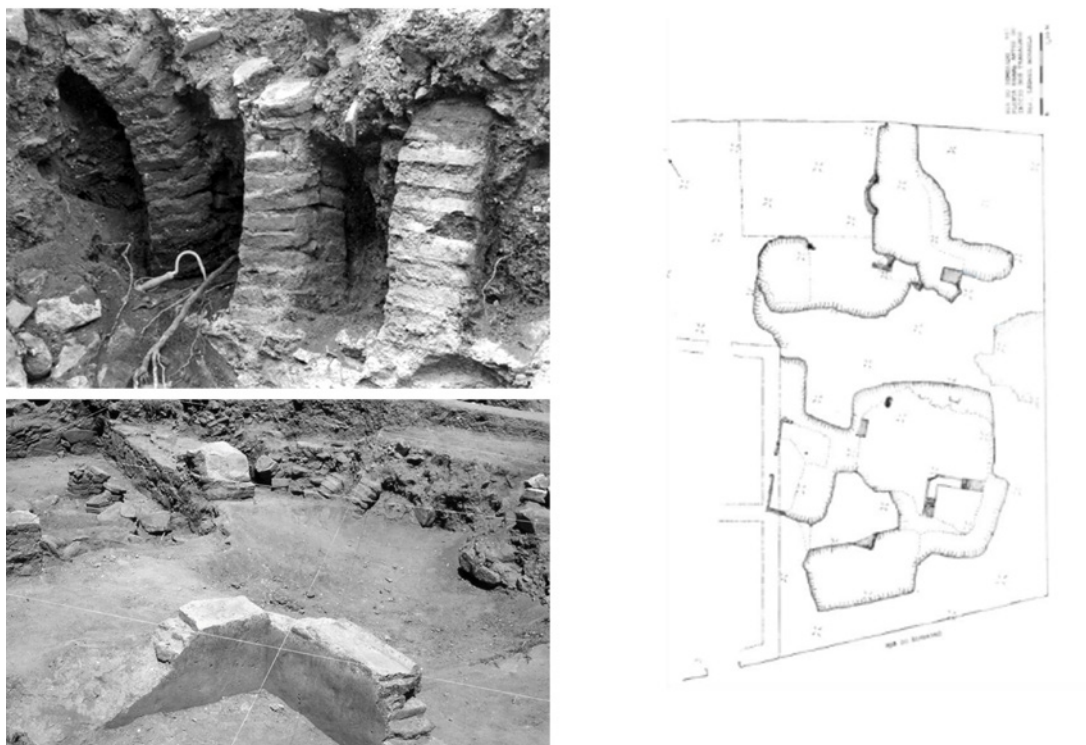


Figura 2 – Imagens dos trabalhos de 1987 e registo gráfico dos vestígios à data da intervenção (desenho de Leonel Borrela).

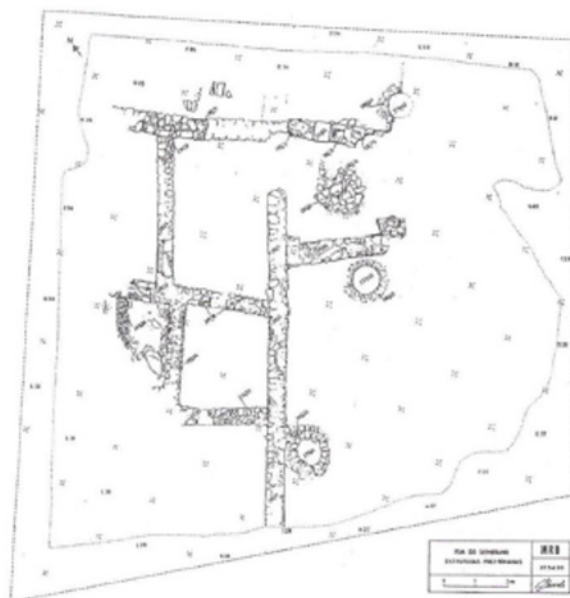


Figura 3 – Imagens dos trabalhos de 1988-90 e registo gráfico das estruturas de época moderna (desenho de Leonel Borrela).

A área arqueológica da Rua do Sembrano ficou sob a alçada do Museu Regional de Beja Rainha Dona Leonor, não sem que tenha sido efetuada uma primeira sondagem arqueológica do SRAZS da responsabilidade de José Olívio Caeiro ainda em 1983. Esta, porém, não teve continuidade face ao contexto socioeconómico da época e à então escassez de recursos humanos que permitissem dar continuidade aos trabalhos arqueológicos no local, situação apenas invertida em 1986, após a abertura de concurso e da respetiva tomada de posse de dois técnicos superiores no SRAZS do IPPC (Susana Correia e Rui Parreira). Com o reforço de novos recursos humanos foi então possível retomar os trabalhos arqueológicos ao abrigo de um protocolo entre o SRAZS e o Museu Regional de Beja Rainha Dona Leonor, onde Susana Correia ficou sediada como técnica do SRAZS.

A opção de intervir no local decorreu não apenas da existência de recursos humanos para proceder à intervenção, mas, sobretudo, da necessidade premente de proceder a uma operação de salvamento e recuperação dos vestígios que se iam progressivamente degradando e quedando ao abandono. Foi também fruto de uma cooperação entre múltiplas instituições:

SRAZS, Câmara Municipal de Beja¹ (CMB) e o Museu Regional de Beja (MRB), à qual a estreita relação de proximidade, colaboração e espírito de entreajuda que sempre norteou a relação de Susana Correia com outros colegas, profissionais e instituições não terá sido alheio. (Figura 3)

Dessa colaboração nasce em 1987 uma intervenção conjunta entre o SRAZS e o MRB, com codireção científica de Susana Correia, técnica superior do SRAZS e José Carlos Oliveira, conservador do MRB e apoio da CMB e da ADPB. Todas estas instituições foram fundamentais para o sucesso da iniciativa: a Câmara Municipal com o contributo e apoio de trabalhadores para a intervenção, a disponibilização dos meios para a remoção dos entulhos e o apoio topográfico à intervenção; o SRAZS com uma verba financeira de 50.000 escudos e a cedência da sua técnica para a direção dos trabalhos; o MRB, com o seu conservador José Carlos Oliveira, infraestruturas de apoio logístico

¹ O apoio da autarquia foi fundamental, vendando a área e procedendo à aquisição dos imóveis devolutos que se sobrepunham às estruturas arqueológicas e que ameaçavam ruir sobre aquelas e que decorreu entre 1987 e 1988.

à escavação arqueológica e o assegurar dos trabalhos de inventário e tratamento do espólio proveniente das campanhas de 1983 da ADPB e da sondagem do SRAZS dirigida por José Olímpio Caeiro, assim como da campanha de então, com vista à exposição do espólio no futuro núcleo romano do Museu Regional.

Além de Susana Correia e José Carlos Oliveira, participaram nesta campanha Leonel Borrela, António Cunha, Carlos Rocha, Luis Silva MRB/OTJ, Filomena Barata, entre outros, assim como diversos trabalhadores do município.

No ano seguinte, na sequência do processo de aquisição e demolição dos imóveis degradados que ainda subsistiam no local por parte da CMB, inicia-se um projeto de escavação sistemática, por forma a traçar a evolução histórica daquela zona urbana. Não será demais sublinhar que este foi um projeto pioneiro na cidade de Beja, quer pelo facto de corresponder a uma intervenção de arqueologia urbana desenvolvida de modo continuado por muitos e longos anos, pautada por um estreito espírito colaborativo entre instituições públicas, ainda hoje exemplar a muitos níveis. Esta lógica de operacionalidade e gestão de recursos estendeu-se a outras ações decorrentes desta parceria, como o Curso de Conservação e Restauro de Objetos e Estruturas organizado pelo Museu Regional de Beja desse mesmo ano, tendo os alunos participado ativamente nas escavações da Rua do Sembrano, completando as diversas tarefas inerentes a uma escavação arqueológica, para além da vertente da conservação e restauro. Além destes, muitos jovens, alguns dos quais hoje arqueólogos, participaram também de forma voluntária nas escavações da Rua do Sembrano durante as diversas campanhas do local, marcadas por um forte cariz formativo e pedagógico numa lógica de cooperação e comunhão muito arraigada no espírito de Susana Correia.

Os trabalhos arqueológicos evidenciam um conjunto vasto de estruturas e materiais centrados na época romana e em momentos posteriores, mas desde cedo são também identificados materiais de cronologia anterior, entre as quais cerâmicas estampilhadas e decoração incisa, fragmentos de coroplastia e um fragmento de cerâmica ática que reforçam a hipótese de uma ocupação pré-romana da colina de Beja, um tema recorrente na historiografia bejense desde o século XVII.

Com efeito, desde Frei Manuel do Cenáculo na sua obra “Sisnando Mártir e Beja e sua Pátria”, que remetia uma origem fenícia para a cidade (Delgado, 1946), Félix Caetano da Silva e a “História das Anti-

guidades de Beja, parte I – Desde as origens de Beja até o tempo de D. Afonso Henriques (conquista aos Árabes)”, escrita entre 1765 e 1805, que designava a cidade como fundada pelos antiquíssimos Celtas (Viana, 1948) ou Frei Francisco de Oliveira nos aditamentos ao manuscrito de Pedro Pires Nolasco Serrano, o “Relatório das couzas notáveis desta cidade de Beja” que buscava um passado cartaginês e celta para a cidade” (Páscoa, 2002, p.23), a tese de um passado pré-romano da cidade suportado nas fontes clássicas subsistiu até à atualidade nos textos e resenhas históricas sobre a cidade, (Vasconcellos, 1895). O mesmo defendia Abel Viana com base nos textos de Estrabão e Políbio (Viana, 1944, p.2-31). A inexistência de vestígios arqueológicos e de argumentos fidedignos entre os quais a ausência de qualquer elemento indígena na titulação urbana (Alarcão, 1992, p.74) descreditaram igualmente a tese da identificação da cidade de Beja com o *oppida* de *Conistorgis*, proposta por Fernando Nunes Ribeiro e estabelecida numa relação entre os limites territoriais e as fontes antigas (Ribeiro, 1960, p.73-113), conduzindo à depreciação dos únicos argumentos existentes até então a favor de uma mais remota antiguidade (Fabião, 1998, vol. II, p. 255).

As escavações da Rua do Sembrano retomam assim a temática das ocupações antigas de Beja, oferecendo as primeiras evidências arqueológicas de cronologia anterior à ocupação romana da cidade, permitindo postular a existência de um povoado da Idade do Ferro, de cronologia e definição cultural desconhecidas (Fabião, 1998, vol. II, p. 255). Ainda assim o reconhecimento e a confirmação da uma pré-existência à fundação da *colonia Pax Ivlia* não foram pacíficas e os achados da rua do Sembrano, à data, únicos, causaram alguma perplexidade acabando por ser desvalorizados no contexto de uma certa resistência à tese de uma ocupação pré-romana do local, apenas vencida anos mais tarde com a prossecução das escavações em outras áreas da cidade como o Castelo de Beja, o logradouro do Conservatório de Musica da cidade e a própria Rua do Sembrano. (Figura 4)

A polémica não obistou, porém, à continuidade dos trabalhos e entre 1987 e 1994 foram realizadas oito campanhas arqueológicas no local de forma quase ininterrupta: sete campanhas de escavação que descobriram inúmeras estruturas arqueológicas entre as quais um edifício termal de pequena dimensão, de possível cariz privado, composto por salas quentes, pequenos *alveus*, *praefurnium* e salas frias de cronologia romana e uma campanha de inventariação e tratamento de espólio, exumado em larga quantidade.

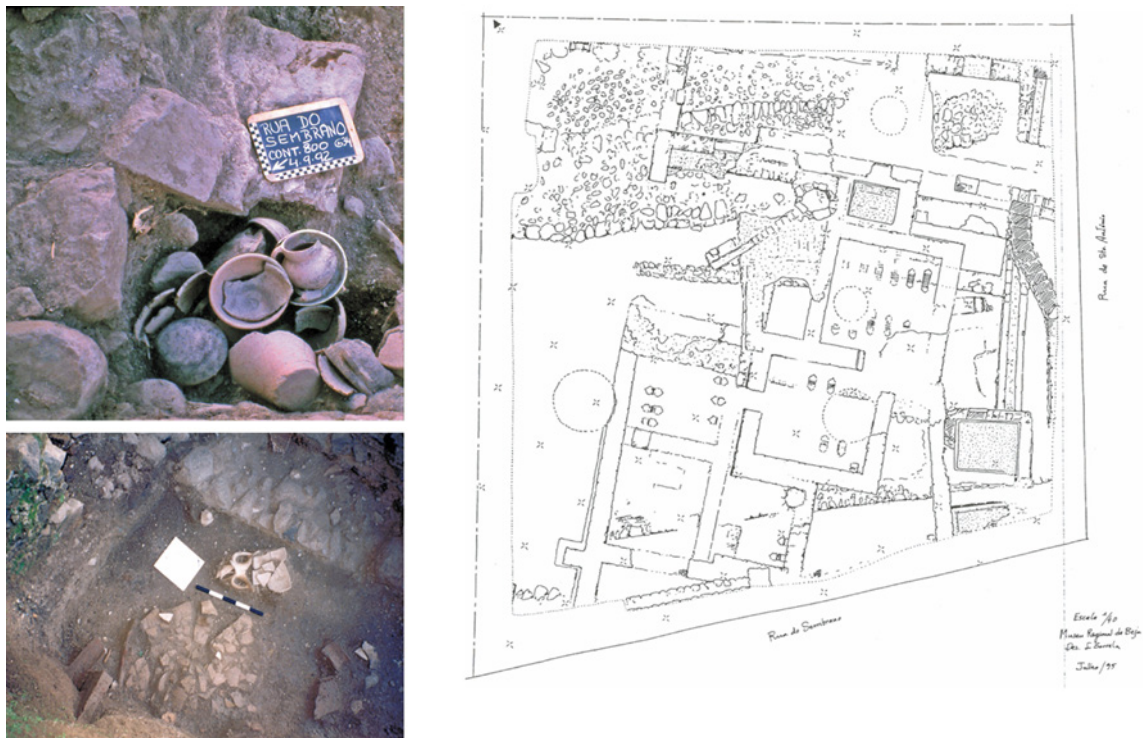


Figura 4 – Imagens das campanhas de 1992 e 1993 e planta geral das estruturas arqueológicas da Rua do Sembrano, em 1994 (Des. Leonel Borrela), observando-se já a muralha da Idade do Ferro.

Foi escavada uma área de cerca de 800m², correspondente a um quarteirão urbano da cidade atual, cuja diacronia histórica e singularidade patrimoniais desde cedo advogavam a favor de um projeto de musealização para aquele espaço urbano, iniciado ainda em 1991 com o “Concurso Público de ideias para a Rua do Sembrano, Beja”, lançado a 2 de março de 1991 pela Câmara Municipal de Beja em parceria com a Associação dos Arquitetos Portugueses (AAP), atualmente Ordem dos Arquitetos (OA). O projeto vencedor da autoria do arquiteto Gonçalo Afonso Dias, preconizava a construção de um “Museu de Sítio” e foi aprovado nesse mesmo ano, tendo por base a premissa da musealização das estruturas arqueológicas e a definição de um espaço expositivo reservado ao espólio identificado no decorrer das escavações. O projeto de arquitetura procurava oferecer ao visitante uma leitura transversal das ocupações do local, traduzindo em simultâneo uma relação com a cidade imediatamente envolvente, que tinha como objetivo conferir uma dimensão urbana àquela intervenção (Dias, 2005), recorrendo à criação de um volume liso e solto dos edifícios adjacentes, como uma “caixa” que protegia e encerrava o conjunto arqueológico (*idem*, 2005). Um

segundo momento contemplava a relação daquele espaço com as áreas urbanas contíguas, tendo em vista a criação de uma praça de acesso ao Museu, através da supressão do edifício existente no lote confinante, ligando o Largo de S. João e a Rua do Sembrano (*Ibidem*, 2005). (Figura 5)

A prossecução dos trabalhos arqueológicos com vista à materialização das diferentes fases do projeto fez com que o mesmo fosse sendo moldado de forma a incorporar as estruturas arqueológicas que iam sendo identificadas nas campanhas posteriores, culminando com a identificação em 1994 de um troço da muralha da Idade do Ferro e estrutura defensiva do antigo povoado, numa área destinada a espaços técnicos do futuro museu. Esta descoberta comprovou definitivamente a existência de vestígios materiais bem como de estruturas e níveis arqueológicos preservados de cronologia pré-romana, atestando assim a ocupação da colina de Beja em momentos anteriores à *colonia* romana, e, pela enorme importância histórica, obrigou à última e definitiva alteração ao projeto, tornando evidente a necessidade de proceder a uma reformulação do mesmo de forma a integrar as novas realidades histórico-arqueológicas.

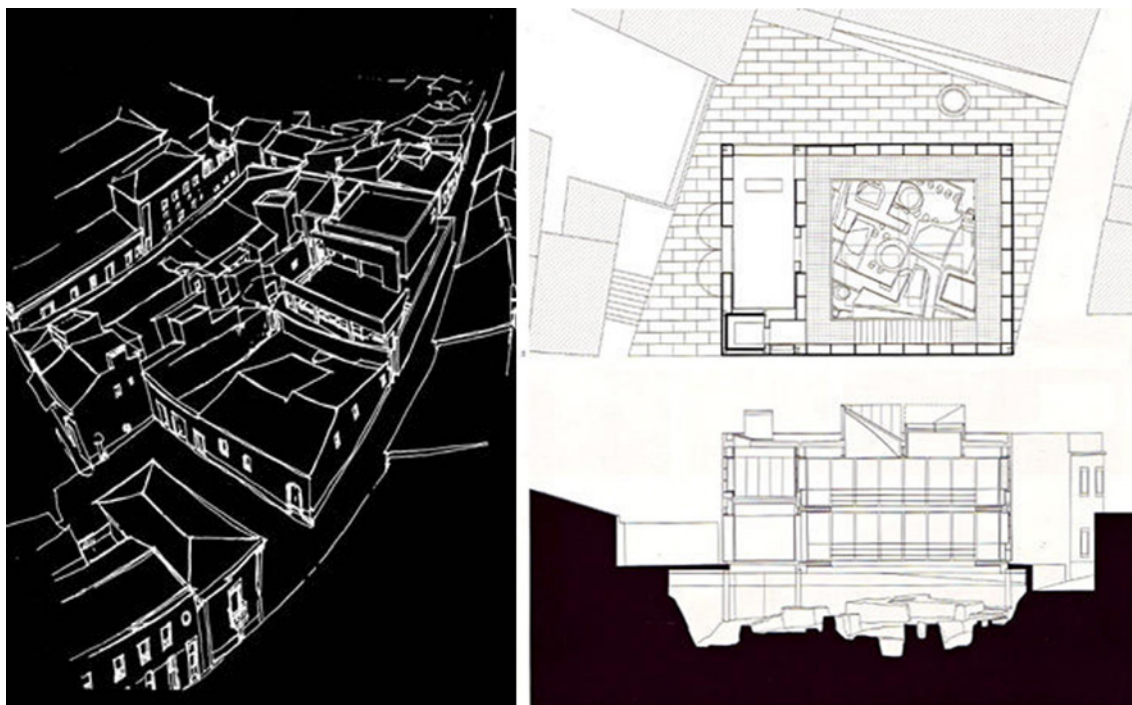


Figura 5 – Imagens do projeto de Museu de Sítio da Rua do Sembrano da autoria do Arquiteto Gonçalo Afonso Dias, colab. Arq. Daniela Antunes apresentado ao Concurso Público de ideias para a Rua do Sembrano, Beja (Dias, 2005), 2 Março 1991, Câmara Municipal de Beja e Associação dos Arquitectos Portugueses (AAP).

Tal constituiu na prática, um segundo projeto para o Museu materializado em 1996, com a assinatura de um contrato para um novo Museu de Sítio da Rua do Sembrano. Foi igualmente reunida uma equipa de investigadores além dos coordenadores dos trabalhos arqueológicos e da equipa do projeto de musealização que se dedicaria ao estudo do vasto espólio exumado no local, abarcando mais de 25 séculos de ocupação da colina. Contudo, por múltiplas razões, entre as quais o elevado custo financeiro, o segundo projeto acabou por não ser concretizado, sendo suspensas nesse mesmo ano as campanhas arqueológicas no local, entretanto vedado.

Em setembro de 2000 é publicado o caderno do plano estratégico (Programa Polis) para a cidade de Beja e o Núcleo Museológico da Rua do Sembrano é um dos projetos no âmbito das intervenções no centro histórico. É também o único onde os vestígios arqueológicos são a razão de ser do próprio projeto, retomando a ideia do núcleo museológico com uma proposta de criação de espaço público e recuperando, de certo modo, alguns dos pressupostos dos projetos anteriores. Sucididos quase dez anos, entre setembro de 2003 e outubro de 2004 os trabalhos são retomados

ao abrigo do projeto de requalificação urbana Beja-Polis – Núcleo Museológico da Rua do Sembrano. As intervenções de arqueologia e de conservação e restauro são adjudicadas à DEGEBE – Associação de Valorização do Património Cultural, sob a responsabilidade da signatária na vertente arqueológica e de Joaquim Garcia na vertente de Conservação e Restauro, completados com um programa de musealização dos vestígios elaborado por Susana Correia e Joaquim Garcia, que previa igualmente uma área destinada à exposição do espólio mais emblemático exumado no decurso das diferentes campanhas de intervenção do local.

O projeto de arquitetura da responsabilidade do arquiteto Fernando Sequeira Mendes, previa a construção de um edifício sobre as ruínas e de um espaço público associado, recuperando o conceito “movel” que permitisse a prossecução dos trabalhos arqueológicos e que funcionasse como um elemento dinamizador daquela área urbana, complementado com arte contemporânea, vocacionada para a temática da água, também dominante na própria funcionalidade termal e de captação de água do sítio arqueológico através de um projeto de intervenção de arte urbana com um painel de azulejos da autoria de Rogério Ribeiro (Figura 6).

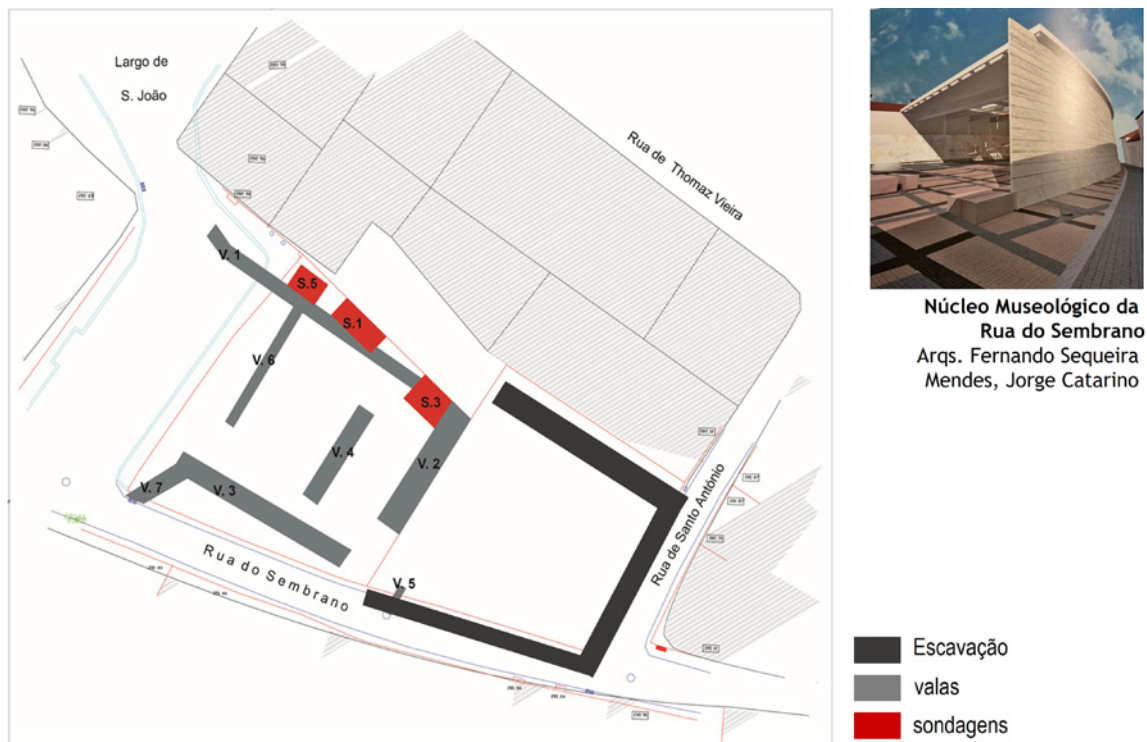


Figura 6 – Intervenção de 2003-2004. Trabalhos efectuados nas distintas áreas arqueológicas (Grilo, 2005).

A intervenção arqueológica aí desenvolvida foi desta forma condicionada pelas necessidades da obra e orientada para a musealização do sítio arqueológico, tendo incidido em zonas pontuais da antiga área arqueológica previamente escavada e no seu exterior, na área da futura praça ou espaço público, onde foram efetuadas diversas sondagens arqueológicas para colocação de infraestruturas, valas para fundações e sistemas de drenagem e escoamento de águas pluviais.

Simultaneamente, a escavação também procurou responder a diversas questões que quedaram em aberto das campanhas anteriores, quer na caracterização, registo, levantamento e diagnóstico de todas as realidades expostas anteriormente, como no respeitante à sua leitura faseada numa linha diacrónica da história da cidade. Tomando esse dado em consideração, além do levantamento georreferenciado de todas as estruturas identificadas, foi recuperado o antigo sistema de referência das campanhas anteriores, bem como o modelo de inventário, por forma a que todo o espólio exumado seguisse os mesmos critérios de inventariação, permitindo um estudo articulado da coleção artefactual da Rua do Sembrano. Cabe também salientar que embora informativa e rica do ponto de

vista do registo arqueológico, esta fase de intervenção foi igualmente muito localizada, limitando-se à escavação das áreas funcionais e de infraestruturas de obra.

No que respeita aos trabalhos desenvolvidos², a mesma iniciou-se com a limpeza da área arqueológica e a proteção das estruturas existentes, resguardadas com manta geotêxtil e estruturas de proteção em madeira e com a construção de passadiços e circuitos de circulação na área arqueológica, face à multiplicidade de estruturas a quotas distintas. Em paralelo, foi necessário recuar os perfis da área arqueológica, procedendo à escavação integral destas áreas e ao registo das novas estruturas identificadas. O sistema de fundações do próprio edificado foi assim parcelar, efetuado por tramos independentes e condicionado pelas realidades arqueológicas presentes, optando-se sempre pela abertura de sapatas na rocha de base nas

² Integraram a equipa de arqueologia da segunda fase os seguintes elementos: Carolina Grilo, arqueóloga signatária dos trabalhos, Ana Sofia Antunes e Teresa Ricou, arqueólogas, Edgar Figueira Lopes, Paula Maurício e Jorge Serafim, Técnicos de Arqueologia, Sérgio Jacinto, Cláudia Lemos, auxiliares de escavação, Jorge Parreira, estudante de arqueologia.



Figura 7 – Aspectos dos trabalhos preliminares de proteção e conservação das estruturas arqueológicas (Grilo, 2005).



Figura 8 – Imagens da escavação e abertura de sapatas na área arqueológica (Grilo, 2005).

áreas onde não havia estruturas, ligadas com vigas ou lintéis entre as mesmas, salvaguardando desta forma as pré-existências do local. Naturalmente este foi um processo nem sempre pacífico, mas fundamental para o propósito do projeto e uma das principais preocupações de toda a equipa técnica, de garantir uma relação de coabitação entre o sítio arqueológico e o edifício concebido para o propósito da sua proteção e conservação (Figuras 7 e 8).

Na área exterior os trabalhos corresponderam ao rebaixamento e regularização por meios mecânicos de toda a área envolvente e à demolição dos restos das construções pré-existentes no local, seguindo-se um programa de valas e sondagens relacionadas com as infraestruturas de obra. As primeiras permitiram documentar evidências das antigas construções contemporâneas (restos de pavimentos e soleiras da organização interna do edificado) que existiam na zona em momentos prévios aos trabalhos, entretanto demolidas para permitir a circulação entre o Largo de São João e a Rua do Sembrano. No decorrer destes trabalhos foram recolhidos diversos elementos arquitetónicos, fechados de abóbodas, lintéis e colonatas, assim como parte de um lintel contendo uma inscrição dedicada à deusa *Bona Dea*, que estaria integrado num possível local de culto nas imediações dedicado a esta divindade (D'Encarnação, Grilo, 2021).

Mais importantes, as sondagens efetuadas destacaram diversas estruturas diretamente relacionadas com as evidências da área arqueológica, entre as quais novos troços da muralha pré-romana e níveis arqueológicos associados. Sobre estes assentavam pavimentos e construções de orientação e cronologia coetâneas com as estruturas termais, algumas com alçados indicadores da existência de mais de um piso e evidências de distintos compartimentos revestidos a estuque e pavimentos em *opus signinum*, desenhando uma plena articulação arquitetónica e construtiva entre as diferentes áreas, estabelecida em função de um eixo viário da cidade antiga (Figura 9).

Com efeito, os trabalhos executados nesta fase, embora de menor envergadura, foram fundamentais para a obtenção de uma leitura concisa das diferentes sobreposições históricas e construtivas do espaço urbano, com maior ênfase para os momentos de cronologia pré-romana e romana, ainda que a caracterização das diferentes fases e dos momentos construtivos dos edifícios nem sempre se afigurasse clara ou totalmente compreendida, face à opção de conservar e musealizar os últimos momentos do edifício termal, hoje musealizados no local. Não obstante, o cruza-

mento da informação das diferentes campanhas, da escavação pontual em profundidade (relacionada com a construção do edifício museológico) e dos espólios recolhidos permitiu definir posteriormente um faseamento cronológico para o local (Grilo, 2007, 2014, 2015, 2022) que serviu como modelo de enquadramento das realidades anteriormente documentadas e que procurou aquele que era efetivamente o pressuposto inicial das intervenções sistemáticas na Rua do Sembrano: a investigação da diacronia histórica do local e da ocupação do espaço ao longo dos múltiplos séculos de história da cidade.

O núcleo museológico da Rua do Sembrano foi finalmente inaugurado a 10 de agosto de 2005, tonando-se não apenas um espaço de divulgação e partilha de história da cidade, mas igualmente do seu território, onde têm lugar inúmeras exposições, conferências, palestras e encontros de vertente científica e de âmbito geral. 15 Anos volvidos após a sua inauguração e 39 após a identificação dos primeiros vestígios, Beja parece já não passar sem este espaço emblemático, cuja materialização está intrinsecamente ligada a Susana Correia, presente quase desde o primeiro momento até ao seu trágico desaparecimento precoce. À sua perseverança, dedicação e resistência devemos o sucesso deste projeto (Figuras 10 e 11).



Figura 9 – Planta geral das estruturas arqueológicas da Rua do Sembrano (1987-2004) (Grilo, 2022).




Figura 10 – O Núcleo Museológico da Rua do Sembrano na atualidade (C. M. Beja).



Figura 11 – Susana Correia no Núcleo Museológico da Rua do Sembrano (C. M. Beja).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALARCÃO, Jorge de (1992) – A cidade romana em Portugal: a formação de “Lugares Centrais” em Portugal da Idade do Ferro à Romanização. *Cidades e História*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, pp. 35-72.
- CANELAS, C. (1965) – História dos Conventos de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. XXII, pp. 230-247.
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1987) – Rua do Sembrano, 1987, Relatório, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Português do Património Cultural, Serviço Regional de Arqueologia do Sul
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1988) – Rua do Sembrano, Beja, 1988, Relatório, Ministério da Educação e Cultura, Instituto Português do Património Cultural, Serviço Regional de Arqueologia do Sul.
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1988) – Escavação da Rua do Sembrano: Uma Intervenção Arqueológica na Área do Centro Histórico de Beja”, 1º Encontro Internacional de Municípios com Centro Histórico de Beja.
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1993) – Rua do Sembrano – Beja, 1989, 1990, 1991, Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Direcção Regional de Beja.
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1994) - Intervenção Arqueológica na Rua do Sembrano- área urbana de Beja: Campanhas de 1988 a 1990 in *V Jornadas Arqueológicas*, vol.1 – Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses.
- CORREIA, Susana; OLIVEIRA, José Carlos (1995) – Rua do Sembrano – Beja, 1992, 1993 Presidência do Conselho de Ministros, Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, Direcção Regional de Beja.
- DELGADO, José Manuel (1946) – Sisnando mártir e Beja sua pátria. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. III/IV,p. 320-343.
- D’ENCARNAÇÃO, José; GRILO, Carolina (2020) – Em Pax Iulia, um templo à Bona Bea! *Scientia Antiquitatis*, Revista de Arqueociências, nº 2, pp. 117-128.
- DIAS, Gonçalo Afonso (2001) – Dez anos para o lixo? *Jornal-Arquitectos “(J-A)”* nº199 Janeiro/Fevereiro, Lisboa: Ordem dos Arquitectos.
- DIAS, Gonçalo Afonso (2005) – Museu de Sítio da Rua do Sembrano em Beja. – “UM PROJECTO DESVIADO...” disponível em: <http://goncaload-artes.blogspot.com/2005/>. Acedido em 19/02/2023.
- DIAS, Gonçalo Afonso; ANTUNES, Daniela Marta; BARATA, Maria Filomena (1992) – Museu do Sítio Rua do Sembrano, Beja in *Boletim Cultural e Informativo*, Tomar: Câmara Municipal de Tomar, nº17, Outubro.
- FABIÃO, Carlos (1998) – O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português. Dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Lisboa, exemplar policopiado.
- GRILO, Carolina (2005) – Trabalhos Arqueológicos na Rua do Sembrano. Beja.
- GRILO, Carolina (2007) – A Rua do Sembrano e a ocupação pré-romana de Beja. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de letras da Universidade de Lisboa, exemplar policopiado.
- GRILO, Carolina (2014) - Waste disposal and soil management in Pax Iulia, Beja (Portugal) in the first century A.D. *Actas del XVIII Congreso Internacional de Arqueología Clásica Merida: 1747-1750*.
- GRILO, Carolina (2015) – Um contexto alto-imperial da Rua do Sembrano, Beja”. *VII Encontro de Arqueologia do Sudoeste Peninsular*. Aroche: 1471-1496.
- GRILO, Carolina (2022) – A Rua do Sembrano, Beja. *Crono-estratigrafia e dinâmica urbana em Pax Iulia*. *Actas do X Encontro de Arqueologia Peninsular*. Zafra: 942-970.
- LOPES, Maria da Conceição (2003) – A cidade romana de Beja. Reflexões e debates em torno de Pax Iulia. Coimbra: Instituto de Arqueologia.
- RIBEIRO, Fernando Nunes (1960) – Pré-história e a Origem de Beja. *Arquivo de Beja*. Beja: Câmara Municipal. 17, pp. 3-113.
- VASCONCELOS, J. L. (1895) – Cabrinhas de bodes de bronze. *O archeólogo Português*. Lisboa: MNA. 1, pp. 296-301.
- VIANA, Abel (1944) – Origem e Evolução Histórica de Beja, Beja: Câmara Municipal de Beja.
- VIANA, Abel (1948) – Félix Caetano da Silva. História das antiguidades de Beja. *Arquivo de Beja: Câmara Municipal*.5, pp.196-210; 225-242.
- VIANA, Abel (1948a) – Félix Caetano da Silva. História das antiguidades de Beja. *Arquivo de Beja: Câmara Municipal*.6, pp. 3-36; 292-324.



ASSOCIAÇÃO
DOS ARQUEÓLOGOS
PORTUGUESES
1863-2025

www.arqueologos.pt